

A última sessão de teatro

Luiz Marfuz¹

RESUMO: A peça apresenta um velho e reconhecido ator, que abandona o palco no meio de um espetáculo e que possui uma velha colega e amiga. Após sua decisão de deixar definitivamente o teatro, ele é interpelado por um jovem estudante, que lhe pede ajuda para bem praticar o mesmo ofício.

Palavras-chave: teatro; profissão; última sessão.

ABSTRACT: The play shows an old and well known actor, who leaves the scene in the middle of a spectacle and shares his anguish with an old colleague and friend. After his decision to finally leave the theater, he is approached by a young student, who asks him for help and practice the same craft.

Keywords: theater; profession; last session.

A última sessão de teatro

Este texto é dedicado ao ator,
diretor e professor de teatro
Harildo Déda.

Personagens

HD – Velho e reconhecido ator, que abandona o palco e quer desistir do teatro

LUIZ FERNANDO – Jovem ator, admirador de HD

OLGA – Amiga e companheira de cena de HD, desde o início da carreira

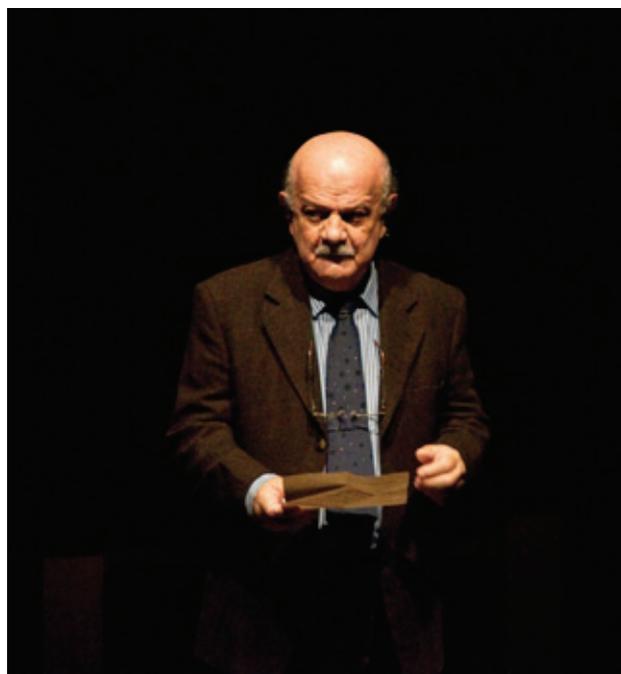


Foto: Aristides Alves

Prólogo

LUZ NO ROSTO DE HD NO PALCO, UM BANCO LARGO, ESTILO MODERNO, E DUAS CADEIRAS AO LADO, ESTILO ELISABETANO. AO FUNDO UM CAMARIM COM UMA CORTINA QUE O SEPARA DO PALCO. NELE, FIGURINOS, DE TONS VARIADOS, QUE SERÃO UTILIZADOS EM CENA. PALCO DE UM TEATRO, ONDE SE APRESENTA A PEÇA “RASGA CORAÇÃO”, DE VLANINHA. HD, VOZ OFF. TOCA O SEGUNDO SINAL.

HD OFF – Eu os espero todas as noites. Aqui, parado, como porteiro de hotel. O que eles querem de mim? (*Olha a platéia em volta*) Sei. Vieram ver um espetáculo... de teatro, prefiro dizer assim... Então vocês sabem, espera-se que ele comece, quando eu disser algo, vocês estão aí, esperando que eu fale ou me mova... como num espetáculo de teatro, prefiro dizer assim. Então, agora vocês sabem e esperam, eu vou começar, é isso, sem começo não há espetáculo... mas qual será a hora exata em que algo começa? Agora? Daqui a cinco minutos? Dez?... Quando se define que algo começa e termina? Nunca se sabe... então esperemos, juntos, o começo...

¹ Luiz Marfuz é diretor teatral, jornalista, dramaturgo, doutor em Artes Cênicas, mestre em Comunicação e Cultura e professor da Escola de Teatro da Universidade Federal da Bahia – UFBA.

* *A última sessão de teatro* teve estréia em 27 de novembro de 2009, no Teatro Vila Velha, em Salvador, Bahia, sob direção de Luiz Marfuz, com o seguinte elenco: Harildo Déda (HD), Luiz Fernando (Fernando Santana) e Olga (Neyde Moura). O espetáculo teve quatro indicações ao Prêmio Braskem de Teatro: Melhor espetáculo, Melhor ator (Harildo Déda), Melhor direção e Melhor texto.

SILÊNCIO. TOCA O TERCEIRO SINAL.

CENA 1 – RASGANDO O CORAÇÃO.

BLACK-OUT. FOCO EM HD, QUE FALA PARA UM PERSONAGEM IMAGINÁRIO NA PLATÉIA.



Foto: Aristides Alves

HD (como Manguari Pistolão) – “Não posso mais, não posso mais viver com uma pessoa que me olha como se eu estivesse morto! Como se todas as pessoas que estão aí fora gemendo no mundo fossem a mesma coisa! (...) Só porque uso terno e gravata e ando no ônibus 415 não posso ser revolucionário? Sou um homem comum, isso é outra coisa...” (Pára. Silêncio. Luz se abre mais um pouco.)

HD – Peço desculpas a vocês. E licença para recomeçar. (Dirige-se ao iluminador) Por favor! (Retoma o texto de Manguari Pistolão. Foco) “Sou um homem comum, isso é outra coisa... Revolução sou eu! (OI) Revolução sou eu!... eu... eu...” (Pára. Tenta falar. Emociona-se)

HD – Perdão... A memória... a memória me trai. Eu queria dizer a vocês... que este texto de Vianinha tem um significado pra mim... E toda vez em que eu o interpreto... tem uma coisa essencial... como dizer?... quando teatro era teatro de verdade, digamos assim, significava, era útil na vida das pessoas... esqueçam... eu preciso terminar. (Tira do bolso um pedaço de papel, põe os óculos, procura onde parou e lê) “Revolução sou eu! Revolução pra mim já foi uma coisa pirotécnica, agora é todo dia, lá no mundo, ardendo, usando as palavras, os gestos, os costumes, a esperança desse mundo. Você

não é um revolucionário, menino... você é um covarde que quer fazer do medo de viver um espetáculo de coragem!”² (Silêncio. Sai. BO)

ÁUDIO – Três minutos de intervalo.

CENA 2 – NO CAMARIM.

HD E OLGA CONVERSAM. SOMBRAS DE HD E OLGA PROJETADAS NA PAREDE.

HD – Não vou conseguir.

OLGA – Ontem você foi até o fim.

HD – Mas hoje não dá. Não acredito no que falo, no texto, em “revolução”... isso era lá, quando teatro era coisa séria! Eu, representando pateticamente um revolucionário ultrapassado que dá lições de moral ao filho covarde... Covarde sou eu, menino!

OLGA – E o público?

HD – Não agüento olhar. Vejo nitidamente em seus olhos: eu quero me divertir, me dê uma palavra de salvação. (Fala alto para platéia) Não sou pastor! Nem humorista de tevê! Estão me ouvindo? Não vou pregar nem divertir ninguém.

OLGA – Fale baixo. Eles podem ouvir. Você viu quem está aí hoje? (Elenca nomes conhecidos na platéia) Vieram ver você, sua arte...

HD – Arte? Você chama isso que eu faço hoje... arte? Há!...

OLGA – Você é um dos melhores atores da sua geração! São quarenta e sete anos de teatro. Você deu vida aos personagens de Shakespeare, Brecht, Beckett, Vianinha, Heiner Muller, Nelson Rodrigues... Você tirou de todos eles o melhor!

² Os textos entre aspas, nesta página, correspondem a trechos da peça *Rasga coração*, de Oduvaldo Vianna Filho, que está sendo encenada por HD.

HD – Eles, os personagens, é que tiraram o melhor de mim. E o que ganhei? Algumas palmas, míseros cruzeiros e o esquecimento que logo, logo virá. *(Fala novamente para a platéia)* Vão embora! O espetáculo acabou!

OLGA – *(Firme)* Respeite o público!

HD – E se você...

OLGA – Não vou ocupar seu lugar.

HD – ... talvez amanhã...

OLGA – Hoje! Tome um copo de água com açúcar. *(Pega um copo de água e uma colher, mexe e dá a HD)* Respire fundo. Conte até dez. Vamos, eu o ajudo.

HD COMEÇA A CONTAR E É AJUDADO POR OLGA. HD SAI. B.O. LUZ EM HD.

CENA 3 – O ATOR QUE NÃO LEMBRA.

HD VOLTA, COLOCA-SE NA LUZ E FITA O PÚBLICO.

HD OFF – Eles me olham. Fundo. O que ainda querem? Meu Deus... fazer o quê? Há mil megatons no cérebro, não consigo lembrar. Lembre-se do que leu um dia: “Um ator é alguém que se lembra. No nível mais simples, alguém que se lembra das suas falas, de suas deixas, de suas marcas, suas notas, de fechar a braguilha, de amarrar os sapatos, carregar seus adereços, de suas entradas e saídas. Coisas simples, coisas complexas.”³

HD – Coisas simples... coisas complexas... sim-ples... com-plexas. *(Para. Respira)*

HD OFF – “Você esqueceu do que lhe disse um dia? Ator sem memória é uma coisa inconcebível. Um ator é alguém que se lembra.”

HD – *(Diz junto com a gravação off)* Um ator é alguém que se lembra. *(Sozinho)*... é alguém que se lembra. *(Para)*

HD OFF – E agora? Qual será o próximo passo, a próxima deixa? Meu Deus, o tempo escorre. *(Silêncio. 5 segundos)* E este silêncio que não cessa! *(Silêncio)* O que faz com que alguém saia de sua casa e fique aqui sentado para ver e ouvir um ator? Falar exatamente o quê? Quem sabe, eu pudesse entretê-los um pouco, enquanto me lembro das próximas falas. Cantar, talvez. Isso, cante, vá!

começa a cantar baixinho uma música e depois pára.

HD OFF – O que estou fazendo? Querendo enganar a platéia para que fique mais um pouco, como animador de auditório pedindo palmas! Não é isso. *(Pausa)* Mas o que posso fazer para que esse tempo não pareça eterno? Talvez dizer que o teatro é o reduto da inteligência e da alma, uma arte milenar que não se apaga nunca, que o teatro...

HD – ... está morto! Era isso que queria dizer. Acabou! *(Encara a platéia)*. Sinto muito, mas não dá para continuar. Eu tentei, juro, um esforço em nome de vocês, que vieram até aqui... mas... Não deu. *(Para o iluminador)* Por favor, luz de platéia! *(Luz na platéia)* ... A sessão acabou. Lamento informar-lhes que esta é a última apresentação. Não se preocupem. Vocês terão o dinheiro de volta. Estou no limite. Não tenho forças para continuar, nem para terminar. Por isso, tenham um pouco de paciência. Compaixão talvez. Eu preciso falar, e peço-lhes que me ouçam, assim, sem script, sem voz off. *(Rasga o texto)* Acabou. É como se eu tivesse apagado tudo: eu-ator; eu-diretor; eu-professor! O que sempre ensinei aos atores, agora, não consigo fazer. Quando

um ator se exibia para mim em esgares e exageros corporais eu dizia: “Menos. Menos é mais.” Agora me vejo aqui diante de vocês e as palavras me escapam. O mais ficou tão menos que desapareceu. *(Silêncio)* Estou roubando o tempo de vocês? Sinceramente, me digam! Se disserem que não, eu fico. Mas se disserem que sim, eu vou continuar, aqui. Falando. Este é meu papel. Venho de um tempo em que o teatro era algo belo, útil e necessário; luz da

alma, alimento de luta, pontos de luz em meio a trevas. Não preciso ir tão longe, mas, há dois mil e quinhentos



Foto: Aristides Alves

³ Trechos de *The act of being*, de Charles Marowitz.

anos, na Grécia, o teatro era um bem de primeira necessidade. Quando um homem ficava doente, os médicos recomendavam três procedimentos: remédio para o mal, mudar o sentimento e assistir a três peças de teatro. Que beleza, hein! E o inacreditável é que as pessoas se curavam! Hoje, provavelmente, vocês sairão daqui tão irritados comigo que vão regurgitar uma úlcera. *(Para um espectador)* Não é verdade? Diga? Você acha mesmo que o teatro é necessário? Se todos os teatros do mundo fossem fechados, o que fariam? Pintariam as caras, sairiam às ruas, fariam uma revolução? *(Faz som e gesto dizendo que não)* Talvez vocês, jovens sonhadores ou os nostálgicos do poder de transformação da arte, ainda acreditem no teatro. Eu, não creio mais. Desligo. *(Sai)*



Foto: Aristides Alves

CENA 4 – DESCULPAS AO PÚBLICO.

OLGA ENTRA NO PALCO E FALA PARA PLATÉIA. DO CAMARIM, HD INTERFERE.

OLGA – Senhores e senhoras, boa noite! Meu nome é Olga. Sou atriz e companheira de cena do grande ator que vocês acabaram de ver. Peço desculpas em nome dele e da produção do espetáculo. Ele está nervoso... e confundindo as coisas...

HD – *(Do camarim)* Estou calmo e muito consciente do que fiz.

OLGA – É a primeira vez que isso acontece.

HD – *(Do camarim)* A terceira.

OLGA – Aguardem um pouco. Daqui a alguns minutos, ele retorna...

HD – *(Do camarim)* E vai acontecer tudo de novo.

OLGA – Boa noite! *(Sai)*

HD – Boa!

CENA 5 – DE VOLTA AO CAMARIM.

HD E OLGA CONVERSAM. O PÚBLICO OUVE AS VOZES E VÊ A SOMBRA DOS DOIS EM MOVIMENTO.

HD – Eu já disse: não dá!

OLGA – Foi uma crise nervosa, vai passar.

HD – Vou abandonar de vez o teatro!

OLGA – Como assim? Você enlouqueceu!?

HD – Quer ver?

OLGA – Quero.

DISCUTEM. HD SAI PELA PLATÉIA EM DIREÇÃO À SAÍDA, OLGA ATRÁS.

HD – Me deixe em paz!

OLGA – Tá com medo de esquecer o texto?

HD – *(Voltando)* Não devo satisfações a ninguém! Joguei fora meu superego. Adeus! *(Dá uma banana para Olga e sai do teatro)*

CENA 6 – NA SOLIDÃO DE OLGA.

SOZINHA NO PALCO, OLGA, ASSUSTADA, OLHA A PLATÉIA. SENTA-SE NUMA CADEIRA. LUZ DE PINO.

OLGA – Estou só. Mais uma vez. Desde quando escolhi o teatro como profissão. Ainda pequena, disse a meu pai: quero ser atriz. Ele me colocou num táxi e correu a um prostíbulo, ali na Ladeira da Montanha, cheio de mulheres pintadas, marinheiros, sons, luzes, néon. Meu pai disse: Filha, se você quer fazer teatro, vai acabar aqui! Fiquei em silêncio. Quando cheguei em casa, não conseguia dormir. Estava maravilhada com lembrança das músicas, luzes piscando, aquelas mulheres com roupas de seda e tafetá que nunca tinha visto na vida. E aí disse para mim: Era ali mesmo que eu queria ficar. Fiz faculdade de direito, me formei, mas aquele mundo mágico da Ladeira da Montanha nunca me saía da cabeça. Para meu pai as luzes de néon eram a perdição; para mim, a salvação; a glória de um dia, como atriz, pisar nos palcos da cidade. Como este. Uma escolha que nunca abandonei. Nem agora. Quando estou absolutamente só. Mais uma vez.



Foto: Aristides Alves

CENA 7 – A VISITA DO JOVEM ATOR.

FOCO EM OLGA E HD, QUE CONVERSAM COM O PÚBLICO.

OLGA – No dia seguinte ao episódio do teatro, aquela noite...

HD – (*Faz mímica lembrando ao público o que ocorreu*) O branco.

OLGA – Ele se isolou em seu quarto e não voltou mais ao teatro.

HD – Morri!

OLGA – Interrompemos a temporada de *Rasga coração*. O ator que fazia Luca, filho de Manguari...

HD – ... foi pro *Zorra Total!*

OLGA – Lorde Bundinha...

HD – ... foi internado numa clínica de recuperação de alcoólatras.

OLGA – E eu, que fazia Nena, escolhi cuidar de meu querido...

HD – ... e rabugento...

OLGA – ... companheiro de teatro. Duas semanas depois...

HD – (*Com ironia*) O tempo é dinâmico no teatro!

OLGA – Recebemos a visita de um jovem ator ligado a um grupo, digamos assim, de vanguarda...

HD – Teatro alternativo, performático. Esse negócio de laboratório, coisa e tal...

OLGA – HD me disse que não estava para ninguém...

HD – Muito menos pra gente de teatro.

OLGA – Mesmo assim, por gentileza, eu o recebi.

HD – Mulheres! Aah!

OLGA – Conversamos muito e ele se despediu, animado.

HD – Gente de teatro é sempre assim, animada.

OLGA – Rabugento!

HD – O que ele queria? Eu perguntei.

OLGA – Que você o recebesse. Respondi.

HD – Com qual propósito? Inquiri, surpreso.

OLGA – Ele o admira e quer conhecer você! Eu disse.



Foto: Aristides Alves

HD – Depois de tudo o que aconteceu naquela noite? (*Faz mímica do que aconteceu*) Perguntei, espantado.

OLGA – Ele estava lá e por isso insistiu. Expliquei.

HD – Para mim, o teatro acabou! Concluí.

OLGA – Para ele, não. Rebatí.

HD – Gente de teatro! Bah!

CENA 8 – A VISITA DO JOVEM ATOR.

CASA DE HD. ELE RECEBE A CARTA DO JOVEM ATOR, LUIZ FERNANDO, QUE ESTÁ EM OUTRO PLANO. A CARTA PODE SER LIDA COM SUPERPOSIÇÃO DE FALAS ENTRE HD E LUIZ FERNANDO.

HD – (*Lendo*) Caro ator, professor e diretor Harildo Déda. Eu quero ser ator. Não tenho outra referência

em minha vida a não ser o seu trabalho. Nunca tive coragem de me apresentar. No dia em que o senhor interrompeu a peça, eu estava lá. Quis gritar e dizer: Não desista! Eu preciso de você. Mas, emudeci. Desculpe a ousadia do que vou lhe dizer: Se o senhor não quer mais fazer teatro, eu quero. Se o senhor matou os seus sonhos, suplico-lhe: não mate o meu. Não vou desistir. Do seu discípulo, Luiz Fernando. (*HD emociona-se*)

HD – (*Recuperando-se*) É a versão masculina de Evie, a falsa fã que roubou o papel da atriz no filme “A malvada”. E Olga interpretando a ingênua Senhora Richards. Vou dizendo logo: eu não tenho vocação para Bette Davis! (*Vai saindo e dá meia volta*)

HD AMASSA A CARTA E JOGA-A NO CHÃO. QUANDO VAI SAIR, OUVI TRECHOS DA CARTA DE LUIZ FERNANDO.

LUIZ FERNANDO OFF – “Se o senhor não quer mais fazer teatro, eu quero. Não vou desistir. Se o senhor matou os seus sonhos, suplico-lhe agora: não mate o meu.”

HD DESAMASSA A CARTA E OUVÉ MAIS UMA VEZ A VOZ DE LUIZ FERNANDO.

LUIZ FERNANDO OFF – “Quis gritar: Não desista. Mas emudeci.”

HD OFF – Como eu. Juntos na mudez e no silêncio. Ao menos, ele teve uma iniciativa. E se realmente... *(OT)* Um moleque que nem começou a nascer e já me insulta! Eu, HD, 47 anos de teatro, me incomodando com um fedelho candidato a ator! Enquanto Deus preparava sua reencarnação, menino, eu já estava no palco e nas ruas me expondo à pancadaria e à prisão. *(Pausa)* Respeite minha história, garoto! *(Rasga a carta e chama Olga)* Olga, você está proibida de receber este menino em minha casa.

OLGA, QUE ESTAVA À ESPREITA, ENTRA E PEGA A CARTA NO CHÃO.

OLGA – *(Para o público)* O menino não desistiu. Proibido de entrar, ficava lá fora, a vociferar textos de teatro. *(Sai)*

HD – *(Irônico)* Era o que me faltava!

LUIZ FERNANDO – “Ri das chagas quem jamais foi ferido! Mas, silêncio! Que luz brilha atrás daquela janela! É o Oriente e Julieta é o Sol. Surge claro sol, e mata a invejosa lua...”

HD – Assassinando Shakespeare!

LUIZ FERNANDO – “Fala, entretanto nada diz, mas que importa! Falam seus olhos; vou responder-lhe!

HD – Vá embora, menino!

LUIZ FERNANDO – “Sou muito atrevido. Não está falando comigo.”

HD – Deixa Shakespeare morrer em paz!

LUIZ FERNANDO – “Está falando. Oh, fala ainda anjo luminoso! Porque esta noite apareces tão resplandecente sobre minha cabeça como um alado mensageiro celeste...”

HD – Que inferno!

LUIZ FERNANDO – “Ó bendita. Bendita noite! Quanto temo, sendo agora noite, que tudo isto não passe de um sonho por demais encantador e doce para ser verdadeiro!”

HD – Como odeio teatro! Ator é uma praga.

LUIZ FERNANDO – “É minha alma que me chama pelo nome. Como soa argentino e doce no meio da noite a voz dos amantes...”

HD – Eu vou chamar a polícia! Rapaz, desista. Você nunca vai ser ator.

LUIZ FERNANDO – “Ó, honesto boticário! Tuas drogas são rápidas... Assim, morro, (...) E aqui quero permanecer com os vermes que são seus seguidores!”

SILÊNCIO. A CHUVA FICA MAIS FORTE. OLGA ENTRA.

OLGA – Chuva e relâmpagos lá fora.

HD – Você, também, assassinando Shakespeare?

OLGA – É o menino.

HD – Graças a Deus. A tempestade o levou para bem longe de mim.



Foto: Aristides Alves

OLGA – Continua lá, na entrada da porta. Encolhido no frio. Chorando.

HD – Ah, Olga, melodrama...!

OLGA – Se você o recebesse, uma única vez, ele ficaria feliz e você em paz. Pelo menos sairia desse quarto e...

HD – Se ele me conhecer de verdade, vai desistir do teatro.

OLGA – Seu ódio ao teatro vai contaminar todo mundo. *(Pausa)* Inclusive eu, a atriz das antigas. É assim que os jovens diretores me chamavam: Olga de Me-deiros, a atriz das antigas. Aquela que parou no tempo! *(Silêncio)*

HD – *(Carinhoso)* Olga, você é a grande atriz de sempre: ontem, hoje e amanhã! Venha cá! *(Abraça Olga)*

OLGA – Baba-ovo! Você lembra do prêmio que eu ganhei na década de 70? O único. O de melhor atriz... entre as mais ou menos.

HD – Você estava começando...

OLGA – *(Para si)* Troféu mais ou menos de melhor atriz do ano!

HD – Era brincadeira de Rogério Menezes, o língua ferina.

OLGA – *(Desvencilhando-se do abraço)* Mas eu me orgulho desse prêmio, viu! Foi um estímulo para eu transformar o menos em mais. *(Ouve a voz de Luiz Fernando, tossindo)* Vou ver o menino lá fora! *(Sai)*

HD – *(Para si)* Acho que peguei pesado demais com esse garoto! Afinal, sonhar ainda é uma prerrogativa da juventude. E se ele adoecer na chuva? Pegar uma pneumonia? *(Reversão de luz)* “Morrer... dormir; nada mais! E com o sono, dizem, terminamos o pesar do coração e os mil naturais conflitos que constituem a herança da carne! Que fim poderia ser mais devotamente desejado? Morrer... dormir! Dormir... Talvez sonhar! Sim eis aí a dificuldade!” *(Para)* Peguei pesado demais! *(Chamando)* Olga! Olga! *(Entra Olga)* Por piedade cristã... manda esse fedelho entrar! Mas, só hoje.

OLGA – Deus é pai! A esperança ainda ruge em seu coração!

CENA 9 – O ESPERADO ENCONTRO.

ENTRA LUIZ FERNANDO, TREMENDO DE FRIO, COM UMA CAPA DE CHUVA MUITO SIMPLES. FICA PARADO DIANTE DE HD. OS DOIS SE OLHAM POR UM TEMPO.

HD – Vai ficar aí, em pé?

LUIZ FERNANDO TIRA A CAPA DE CHUVA E VAI SENTAR NUMA CADEIRA.

HD – Ei, tira essa capa daí!

LUIZ FERNANDO SE LEVANTA NUM SUS-TO, TIRA A CAPA.

HD – É minha cadeira elisabetana. Agora pode sentar.

SILÊNCIO.

HD – Sim!?

LUIZ FERNANDO – É.

HD – Shakespeare!?

LUIZ FERNANDO – É. Sei que o senhor gosta dele. Quis impressionar.

HD – E deu no que deu.

LUIZ FERNANDO – *(Para si)* Pelo menos, consegui entrar.



Foto: Aristides Alves



HD – Hã?

LUIZ FERNANDO – (*Disfarçando*) Muito prazer, Luiz Fernando.

HD – Não o conheço de algum lugar?

LUIZ FERNANDO – Da platéia. Dos teatros onde o senhor se apresentou. *Rasga coração?* Quando a peça viajava, eu ia atrás. Dava um jeito. De ônibus, a pé, fugia da aula... Quando vi o senhor pela primeira vez no palco, eu disse: quero ser como ele!

HD – Eu conheço esse texto!

LUIZ FERNANDO – Que foi que o senhor disse?

HD – Nada. Bem...Além de ficar me seguindo de peça em peça, o que você faz?

LUIZ FERNANDO – Faço parte de um grupo de teatro!

HD – Pós-dramático!

LUIZ FERNANDO – Os esquisitos.

HD – (*Olhando-o de cima a baixo*) Dá pra ter uma idéia. (*Silêncio*) É...

LUIZ FERNANDO – É.

HD – Bem, além de teatro, faz o quê?

LUIZ FERNANDO – Sou carteiro. (*Entusiasmado*) Mas todo dia quando vou entregar carta de casa em casa me sinto como Hermes, o mensageiro de Zeus.

HD – (*Ironizando*) Que lindo!

LUIZ FERNANDO – É. Gosto mais da fantasia do que da realidade. Moro num lugar de gente braba,



Foto: Aristides Alves

violenta. Desde pequenininho. E minha mãe não me deixava sair de casa. Brincava de faz de conta com meus irmãos, bandido e mocinho...

HD – ... médico de boneca...

LUIZ FERNANDO – Era meu jeito de levar a vida. Um dia, na virada de ano, ouvi um pipocar de fogos de artifício na rua. Saí correndo para ver aquele bando de luzes. Só conhecia pela televisão. Quando tava saindo, minha mãe me agarrou e disse: “Feche essa porta, Luiz Fernando!” “Eu quero ver os fogos, mãe”. Ela me encarou e disse. “Isso não é fogo de artifício, meu filho. É troca de tiro!” E me puxou pra dentro de casa. Não quis mais que ninguém saísse. Só pra escola. Foi aí que eu descobri que a vida real era muito ruim e o faz de conta muito melhor. Acho que é por isso que eu gosto tanto de teatro.

HD – (*Faz menção de levantar-se*) Bem, agora que nos conhecemos...

LUIZ FERNANDO – O senhor quer que eu vá embora, não é? Foi chato. Eu aqui, contando minhas histórias, quando deveria ouvir as suas...

HD – Não, é que eu... preciso descansar, ler umas peças...

LUIZ FERNANDO – Leio muito. Desde peque-

no. Já falei isso? Minha mãe trabalhava na biblioteca, lá na limpeza, e trazia toda semana um livro de teatro para mim.

HD – Que texto você estava assassinando lá fora?

LUIZ FERNANDO – (*Envergonhado*) Romeu e Julieta.

HD – Nunca vi ou ouvi nada igual!

LUIZ FERNANDO – (*Animado*) Poxa, obrigado.

HD – Até Deus aplaudiu com relâmpagos e trovão. Bravo!

LUIZ FERNANDO – Poxa, não sabia que tinha esse poder.

HD – E o que mais lê?

LUIZ FERNANDO – Quase tudo de teatro.

HD – Ibsen?

LUIZ FERNANDO – Na moral? Quer dizer, de verdade?

HD – É. Na moral.

LUIZ FERNANDO – Muito realista.

HD – E Tchecov!

LUIZ FERNANDO – Um tédio.

HD – Racine?

LUIZ FERNANDO – Ah, Racine! Esse aí... (*Pára*)... não li, não, senhor!

HD – Tennessee Williams?

LUIZ FERNANDO – Ah, teatro de masturbação psicológica.

HD – Tennessee!? Masturbação!?

LUIZ FERNANDO – É, as coisas demoram a acontecer. Ele vai enrolando, enrolando...

HD – E de que teatro você gosta?

LUIZ FERNANDO – Contemporâneo. O pessoal de minha geração... mais *fast*.

HD – *Fast*?

LUIZ FERNANDO – É. O mundo mudou, as idéias são outras. Os antigos não entendem o tempo da gente. (*Corrigindo*) Só Shakespeare!

HD – Vocês não acreditam em mais nada. Desprezam a história, desrespeitam o texto, fazem o que querem no palco...

LUIZ FERNANDO – Mas nem tudo está no texto!

HD – (*Irritado*) Que petulância, menino! Não acredito em iconoclasta que nunca foi santeiro. Para destruir uma imagem, garoto, você tem que, primeiro, saber fazer a imagem.

LUIZ FERNANDO – Desculpe, é que me eu me enrolo com as palavras. O que falo não é o que penso. O que eu quero mesmo é largar tudo e ser ator. Eu quero revolucionar a arte teatral. (*Pausa. Com apelação*) Me ensine a fazer teatro! Quero entrar neste mundo por meio de sua sabedoria. Não me importo com seu jeito, não. Sei que o senhor é imprevisível, impertinente, arrogante, teimoso como uma mula, mas no fundo é grande e generoso com os atores.

HD – (*Espantado e irritado*) De onde você tirou isso, moleque!

LUIZ FERNANDO – Li no jornal. Na entrevista. (*Pausa*) Foi mal, né? Eu falei! Digo o que não quero dizer... (*Apelando*) Mas eu quero ser ator!

HD – Você sabe o que é ser ator, menino? O que significa escolher esta profissão? É abrir mão da vida. Desnudar-se. Quem entra no teatro ou se acha ou se



Foto: Aristides Alves

perde de vez. É o risco. É trabalhar três a seis meses e ao final da décima noite – por vezes a última da temporada –, recolher da bilheteria alguns trocados para pegar o ônibus. E, ainda assim, respeitar-se, respeitar o público, respeitar os homens que fizeram o teatro resistir até hoje. Teatro revolucionário... Não existe teatro revolucionário sem aqueles que construíram a história. Revolução é giro, volta! *Revolutio!* Trazer pra cima o que está embaixo, percebeu?

LUIZ FERNANDO – Mas eu gosto de Shakespeare. Muito. Muito mesmo.

HD – É? Então, mostre para mim o que dizia lá na chuva.

LUIZ FERNANDO – Assim, de cara?

HD – (*Indicando mais uma vez a saída*) A chuva já passou.

LUIZ FERNANDO – Não. Eu faço. (*Começa a dizer o texto de forma exagerada até subir no banco*) “Ri das chagas quem jamais foi ferido! Mas, silêncio! Que luz brilha atrás daquela janela! É o Oriente e Julieta é o Sol. Surge claro sol, e mata a invejosa lua...”

HD RI, FAZ UM SINAL, PEDE PARA ELE DESCER DO BANCO E COMEÇA A DIRIGI-LO. LUIZ FERNANDO VAI PEGANDO AS INDICAÇÕES DE HD, MAS A PARTIR DE DETERMINADO TRECHO DO TEXTO VOLTA À INTERPRETAÇÃO EXAGERADA DE ANTES.

HD – Você estragou tudo! Isto não é Shakespeare!

LUIZ FERNANDO – Mas, é como eu sinto Shakespeare.

HD – Sentir, sentir... Não tem de sentir nada. Ator faz e pronto. Duas coisas são fundamentais na vida do ator. Cara de pau e talento. O primeiro você tem de sobra. Agora... (*Apontando a saída*)

LUIZ FERNANDO – (*Aproxima-se de HD*) Onde falhei, mestre? Onde? Me diga. Me ensine.

HD – Ah, por favor! (*Tirando Luiz*

Fernando de perto) Minha casa não é a Escola de Teatro, menino!

LUIZ FERNANDO – (*Ajoelbando-se*) Me dê uma oportunidade.

HD – Também não é ONG, igreja, nem abrigo de artista!

LUIZ FERNANDO – (*Preparando-se para sair*) Há muitas moradas na casa do senhor! Era a parte da Bíblia que minha mãe lia todas as noites. (*Para si*) É, mãe, a senhora estava errada! (*Luiz Fernando vai saindo, triste. Pega a capa de chuva. Para HD*) Vocês, os mais antigos, um dia não estarão mais aqui. Só vamos conhecê-los em fotos e papéis. E no DVD, com aquelas imagens todas borradas. Mas quem vai ficar com a memória de vocês no corpo e na alma? Quem?

SILÊNCIO. HD VOLTA-SE, VAI ATÉ ELE, TIRA DO BOLSO UM PAPEL E ENTREGA-O A LUIZ FERNANDO.

HD – (*Pausa*) Leia este texto.

LUIZ FERNANDO PEGA O TEXTO E COMEÇA A LÊ-LO. HD INTERROMPE-O.

HD – Na segunda, a gente começa.

LUIZ FERNANDO – (*Eufórico*) Não acredito! Não acredito! (*Corre para abraçar HD*)



Foto: Aristides Alves

HD – *(Detendo-o)* Epa!

LUIZ FERNANDO – Obrigado, mestre! *(Sai e joga a capa de chuva na cadeira elisabetana. Grita)* Uuh-huuuuu!

HD – Ei, sua capa de chuva! *(Coloca a capa de chuva numa cadeira)*

CENA 10 – NO BURACO DA FECHADURA.

ANIMADO, HD ANDA DE UM LADO PARA OUTRO.

HD – Gente de teatro! *(Pausa)* Tem algo nesse menino que ainda não descobri! E isso me intriga! *(Rindo consigo mesmo)*

OLGA – Animado, hein! O que aconteceu por aqui?

HD – Sonsa! Eu vi você olhando pelo buraco da fechadura.

OLGA – Fiquei feliz. Pelo menos você saiu do calundu.

HD – Ele é muito presunçoso.

OLGA – Você também era assim.

HD – Imagine, Olga, quer largar o emprego, coisa tão difícil de se conseguir, para viver de teatro!

OLGA – Você também largou o banco, entrou no Centro Popular de Cultura, foi interrogado pela polícia...

HD – Ah, eram outros tempos, Olga! Mas o pior: ele acha Tchekhov um tédio.

OLGA – ... também acho...

HD – Olga!?

OLGA – Um tiquinho só!

HD – Você tá do lado de quem, Olga? Hum! *(Pausa)*

É. Tem algo nele que lembra o meu começo. Ímpeto, um talento desarrumado, vontade de transgredir...

OLGA – Luca! Poderia fazer Luca na peça.

HD – Não me irrite, Olga. Eu não vou mais fazer Manguari Pistolão.

CENA 11 – PRIMEIRA AULA. MEU NOME É...

HD E LUIZ FERNANDO EM CENA.

HD – Vamos lá. O jogo é o seguinte. Vá ali e se apresente: Meu nome é... seu nome... eu tenho... sua idade... e diga: Eu quero ser ator!

LUIZ FERNANDO – Meu nome é Luiz Fernando, tenho 23 anos e eu quero muito ser ator!

HD – *(Corrigindo)* Eu quero ser ator!

LUIZ FERNANDO – Ah, não tem “muito”. É que o “muito” era a palavra de ênfase...

HD – *(Determinando)* Eu quero ser ator! Só isso.

LUIZ FERNANDO – *(Com certo exagero)* Meu nome é Luiz Fernando e eu quero ser ator.



Foto: Aristides Alves

HD – Menos.

LUIZ FERNANDO – Meu nome é Luiz Fernando e eu quero ser ator!

HD – *(Vai dirigindo-o até chegar a um ponto razoável)*
Melhor!

LUIZ FERNANDO – *(Animado)* Meu é Luiz Fernando e eu quero ser ator! *(Repete e anda pelo espaço)*

HD – Chega. Já entendi.

LUIZ FERNANDO – Desculpe. Eu me animei.

HD – Gente de teatro é sempre assim. Animada.

LUIZ FERNANDO – Pois eu ganhei dinheiro fazendo teatro na paróquia. Cobrava um real e até comprei chuteira de futebol! E se você me ensinar mais, eu vou ganhar muito. O senhor vai ver. E quando eu fizer um papel na novela... *(Olha HD e corrige-se)*... novela, não, de jeito nenhum... quero dizer, quando eu fizer Hamlet... vai ser melhor do que Wagner Moura. Você vai ver. E no dia da estréia, ao final, vou dizer bem alto: Dedico este espetáculo ao meu primeiro e único mestre, Harildo Déda. *(Continua gesticulando, como se estivesse interpretando Hamlet)*



Foto: Aristides Alves

HD OFF – Tem algo nele que lembra meu começo. Eu também fazia peças na igreja e fugia da aula para assistir aos espetáculos na Escola de Teatro. Saudoso Teatro Santo Antonio. Certa vez, larguei a carteira de câmbio do Banco da Bahia e fui atuar em Arena conta Zumbi. O câmbio estava feito. Troquei o banco pelo teatro. Agora eu digo a este menino, cheio de garra, que teatro não é profissão. Por que recuso essa história que se parece tanto comigo? *(Reversão de luz)*

OS DOIS – Eis a questão...

LUIZ FERNANDO – Hã?

LUIZ FERNANDO – Que foi que o senhor disse?

HD – Nada.

LUIZ FERNANDO – Melhorei, não foi?

HD faz gesto de mais ou menos.

LUIZ FERNANDO – Se Deus quiser, vou largar tudo e viver de teatro!

HD – Não faça isto, meu filho! Abra um farnel de bugigangas na rua, faça telemarketing... mas não deixe o trabalho para fazer teatro.

LUIZ FERNANDO – E teatro não é trabalho? Profissão?

HD – É, mas não é. Quer dizer, no papel é, mas na vida... Não dá dinheiro! Entendeu? Grana, tutu!

HD – Bem, faça o que você quiser. Até a próxima aula.

Sai Luiz Fernando

CENA 12 – SEGUNDA AULA: TESTANDO SHAKESPEARE.

HD E LUIZ FERNANDO.

HD – Um minuto de atraso!

LUIZ FERNANDO – O ônibus quebrou e...

HD – Sem justificativas! Anda, roupa de ensaio.

LUIZ FERNANDO VAI TROCAR A ROUPA FORA DE CENA.

HD – Hoje vamos experimentar um trecho do Hamlet.

LUIZ FERNANDO – (*De dentro*) O “ser ou não ser”?

HD – Você ainda não é nada. Muito menos ator.

LUIZ FERNANDO – (*Aparecendo*) Desculpa.

HD – Tome o papel. Ato III, Cena III. Hamlet acaba de matar Polônio diante da Rainha Mãe pensando que era o Rei Cláudio, assassino de seu pai e atual marido da mãe. Pra começar, eu faço Hamlet e você a Rainha Mãe. (*Enquanto fala, entrega uma gola elisabetana feminina a Luiz Fernando*)

LUIZ FERNANDO – Não pode ser o contrário?

HD – No tempo de Shakespeare mulheres não representavam. (*Irônico*) Vá lá! Mostre seu talento.

LUIZ FERNANDO (RAINHA) – Está bem! (*Posiciona-se como mulher, HD o corrige*) Ó, Hamlet, não digas mais nada! Viras meus olhos para o fundo de minha alma. Lá estou vendo manchas tão negras e tão profundas que nunca poderão ser apagadas!⁴

HD (HAMLET) – E tudo isso para viver no fétido suor de um leito infecto, preparado na corrupção; sórdida chafurda onde arrulhais, fazendo amor numa imunda sentina!...



Foto: Aristides Alves

LUIZ FERNANDO CONTINUA COMO ‘RAINHA’ ESPERANDO.

HD – Desarma, Luiz Fernando! A cena acabou.

LUIZ FERNANDO – Já?

HD – Percebeu as intenções corretas, a curva do texto? Shakespeare falava para todas as línguas. É o maior poeta popular de todos os tempos. Vamos trocar os papéis.

LUIZ FERNANDO – Sim, senhor!

HD (RAINHA) – Ó, Hamlet, não digas mais nada! Viras meus olhos para o fundo de minha alma. Lá estou vendo manchas tão negras e tão profundas que nunca poderão ser apagadas!

LUIZ FERNANDO (HAMLET) – Só pensar que viveis no suor fedorento do gozo de uma cama suja de porra, encharcada na depravação, fazendo sacanagem num antro de orgia bestial, totalmente sujo, e fodendo em cima de uma latrina...

HD – Pára! Pára! O que é isso?

LUIZ FERNANDO – Shakespeare. Versão popular.

HD – Mas que desrespeito! Isto não é Shakespeare. É pornografia explícita. De onde tirou essa barbaridade?

LUIZ FERNANDO – Tradução apócrifa.

HD – Chega! Você não está preparado para ler uma linha sequer de Shakespeare. É muito elevado pra você.

LUIZ FERNANDO – O senhor não quer experimentar o “ser ou não ser”? Esse eu garanto!

HD – Vá embora. Amanhã começamos com “Batatinha quando nasce se esparrama pelo chão...”

LUIZ FERNANDO – Poxa! (*Sai para arrumar suas coisas. De dentro*) Por que o senhor não volta aos palcos, hein?

HD – Não meta o bedelho onde não é chamado!

LUIZ FERNANDO – (*Mostrando o rosto*) Ahá, tá com medo dar um branco de novo, não é?

HD – Me respeite, moleque!

LUIZ FERNANDO – (*Aparecendo*) Desculpe. Foi barril.

⁴ Hamlet, Shakespeare.



HD – Como é que é?

LUIZ FERNANDO – Barril. Foi mal.

HD – (*Retomando*) Por hoje é só. Até amanhã.

LUIZ FERNANDO – Tchau, Manguari Pistolão!

HD (*Dá uma carreira em Luiz Fernando*) – Gente de teatro! Hah!

CENA 13 – O PROGRESSO DE LUIZ FERNANDO.

HD DIRIGE O LUIZ FERNANDO ATOR. OLGA EM OUTRO PLANO.

OLGA – (*Para o público*) As aulas corriam e, em poucos meses, o progresso de Luiz Fernando era impressionante!

LUIZ FERNANDO – “Ri das chagas quem jamais foi ferido! Mas, silêncio! Que luz brilha atrás daquela janela! É o Oriente e Julieta é o Sol. Surge claro sol, e mata a invejosa lua, já doente e pálida de desgosto, vendo que tu, sua serva, é bem mais linda do que ela...”
(*HD INTERVÉM, ESTIMULANDO-O*)

OLGA – Era bonito de ver. A fúria de aprender de Luiz Fernando enfrentava-se com a sanha de ensinar de HD.

HD – Eu só fiz tirar o que já estava adormecido em sua alma.

LUIZ FERNANDO – “Ó bendita! Quanto temo, sendo agora noite, que tudo isto não passe de um sonho por demais encantador e doce para ser verdadeiro!”

OLGA – HD via naquele jovem a continuidade de seu espírito de luta pelo teatro. O legado da experiência. E o entusiasmo era tanto, que ele resolveu fazer um teste com Luiz Fernando para o papel de Luca. Mas sempre dizia para mim...

HD – É só um teste. Não prometo nada. Nem a mim mesmo.

HD E OLGA, ENTUSIASMADOS, OLHAM LUIZ FERNANDO ENSALANDO.

LUIZ FERNANDO – “... que tudo isso não passe de um sonho por demais encantador e doce para ser verdadeiro.”

LUIZ FERNANDO OLHA PARA HD, COMO SE ESPERASSE A APROVAÇÃO. HD MUDA A FISIONOMIA E FAZ GESTO COM AS MÃOS INDICANDO “MAIS OU MENOS”.

CENA 14 – NO DIA DO TESTE.

CHUVA FORTE. É O DIA DO TESTE PARA LUCA. LUIZ FERNANDO ESTÁ ATRASADO. HD, NERVOSO, ANDA DE UM LADO PARA OUTRO. OLGA TENTA ACALMÁ-LO.

HD – Duas horas de atraso. Acabou!

OLGA – Vai ver aconteceu alguma coisa. A cidade está alagada.

HD – A culpa é sua, Olga. Eu estava em paz. E você me traz de volta à maldição do teatro. Esse menino traiu minha confiança.

OLGA – Mas ele nunca falhou.

HD – Se tem algo que odeio no ator é indisciplina. Fico furioso. Faltar a um ensaio! E esse moleque de nariz empinado falha no dia do teste. Ator que é ator não abandona o palco.

OLGA – Você abandonou.

HD – Não me irrite, Olga. Eu sou capaz de... Que ódio! Que diabos! Pra que aceitei esta tarefa! Fazer teatro não é escolha, é carma!

OUVE-SE BARULHO DE CHUVA E RELÂMPAGOS, QUE ATRAI HD ATÉ À JANELA. REVERSÃO DE LUZ.

HD – “Soprai, ventos, até que vossas bochechas arrebentem. Rugi de raiva! Soprai! Vós, cataratas e furações, jorrais até que tenhais submergido nossos campanários, fazendo desaparecerem os galos. (...) Arrota à vontade! Cospe, fogo! Jorra, chuva! Nem a chuva, nem o vento, nem o trovão são minhas filhas. Eu não vos acuso de ingratidão, elementos; jamais vos dei um reino, nem vos chamei de filhos; não me deveis qualquer submissão; aqui me tendes vosso escravo, pobre, enfermo,

fraco e desprezado ancião. (...) Cospe, fogo! Jorra, chuva! Arrota, tempestade!”⁵

A CHUVA PASSA. SILÊNCIO. QUANDO HD SAI DO DELÍRIO VÊ O LUIZ FERNANDO DESCALÇO, COM A ROUPA RASGADA E A MOCHILA SUJA. HD OLHA FURIOSAMENTE PARA ELE.

HD – O que você veio fazer? A aula acabou. Pegue sua capa rasgada, essa roupa de vagabundo e cai fora daqui.

LUIZ FERNANDO – Fui assaltado.

HD – (*Sem ouvir direito*) Fora, eu já falei! Não há desculpa no mundo que justifique a falta de um ator no ensaio. Quando Grande Otelo representava uma de suas peças, a mulher que ele amava morre u, em plena temporada. Ele chorou a amada durante o dia e, na hora de começar o espetáculo, apresentou-se no teatro para cumprir sua função: respeitar o público. Depois, voltou para velar o corpo da esposa. E você, seu moleque...

LUIZ FERNANDO – Fui assaltado.

HD – O que você disse?

LUIZ FERNANDO – Assaltado. Na mira do revólver. Levaram meu tênis.

OLGA – (*Aproximando-se do Luiz Fernando*) Ô, meu filho, como foi isso?

LUIZ FERNANDO – Tava saindo de casa, um cara sacou a arma e perguntou o que eu tinha na mochila. Mostrei a ele. Livros. E fui tirando um a um e ele jogava os livros na lama. Só essas porcarias? Eu comecei a chorar... eram meus livros de teatro, estava escuro, não passava ninguém... Ele me perguntou: Você faz o quê? Estuda? Trabalha? Eu parei de chorar e disse: Eu faço teatro! Ficou rindo de minha cara, mandou eu tirar o tênis e correr. E atirou pro alto. Eu peguei os livros molhados, botei na mochila e corri. O tiro zuniu na orelha. Pensei em voltar pra casa, mas fiquei com medo. E vim a pé, porque não tinha mais dinheiro pro ônibus. (*Silêncio*) É, professor, quase o senhor não me vê mais aqui.

HD – (*Emocionado*) Mas, meu rapaz, você dizer “eu faço teatro” na mira de um revólver?

LUIZ FERNANDO – Saiu sem querer, professor! Era o que tava dentro de mim.

HD – (*Toca, timidamente, o ombro de Luiz Fernando para confortá-lo*) Bem, vamos começar. Hoje vamos ler Tchekhov.

LUIZ FERNANDO FAZ UMA CARA DESANIMADA. OLGA TOSSE.

HD – (*Corrigindo-se*) Tchekhov, não. Fica pra amanhã. (*Animado, pega um texto e fala para Luiz Fernando*) Vamos ensaiar uma peça pra levantar o moral. Uma peça revolucionária. Guarnieri. *Eles não usam blequetai*. Olga vai contracenar conosco, não é, Olga? Foi uma das primeiras peças que fizemos juntos. Lembra, Olga?

OLGA – No Teatro Vila Velha.

HD – (*Para Luiz Fernando*) Conhece o texto?

LUIZ FERNANDO – O pessoal lá do bairro montou. Fiz o papel de Tião. Sei de cor o texto.

HD – Ótimo! Vamos começar já. É o seguinte: Ato III, Quadro II. Otávio, eu, mora com a família na favela. É líder de uma greve de operários. (*Vai falando, distribuindo os papéis e marcando a cena, enquanto Olga entrega uma peça de figurino aos dois*) Tião, seu filho, vai casar com Maria, que espera um filho dele. Mas ele não quer perder o emprego, vai mudar de vida. Então, contrariando o pai, Tião, você, fura a greve. Nesta cena, ele tenta explicar-se ao pai, que acabou de sair da prisão. Na conversa, o pai ignora ele, falando na terceira pessoa. Romana, a mãe de Tião, Olga, observa os dois, angustiada. Venha, Olga!

OLGA – Mas Romana não está nesta cena.

HD – Ora, Olga! Nem tudo está no texto!! (*E pisca o olho, cúmplice, para Luiz Fernando, que ri*)

OLGA – O tempo é dinâmico no teatro!

COMEÇAM A REPRESENTAR A CENA, COM TRECHOS DA PEÇA "ELES NÃO USAM BLEQUETAI", DE GIANFRANCESCO GUARNIERI.

LUIZ FERNANDO (TIÃO) – Pai...

HD (OTÁVIO) – Me desculpe, mas seu pai ainda não chegou. Ele deixou um recado comigo, mandou dizê pra você que ficou muito admirado, que se

⁵ Rei Lear, Shakespeare.



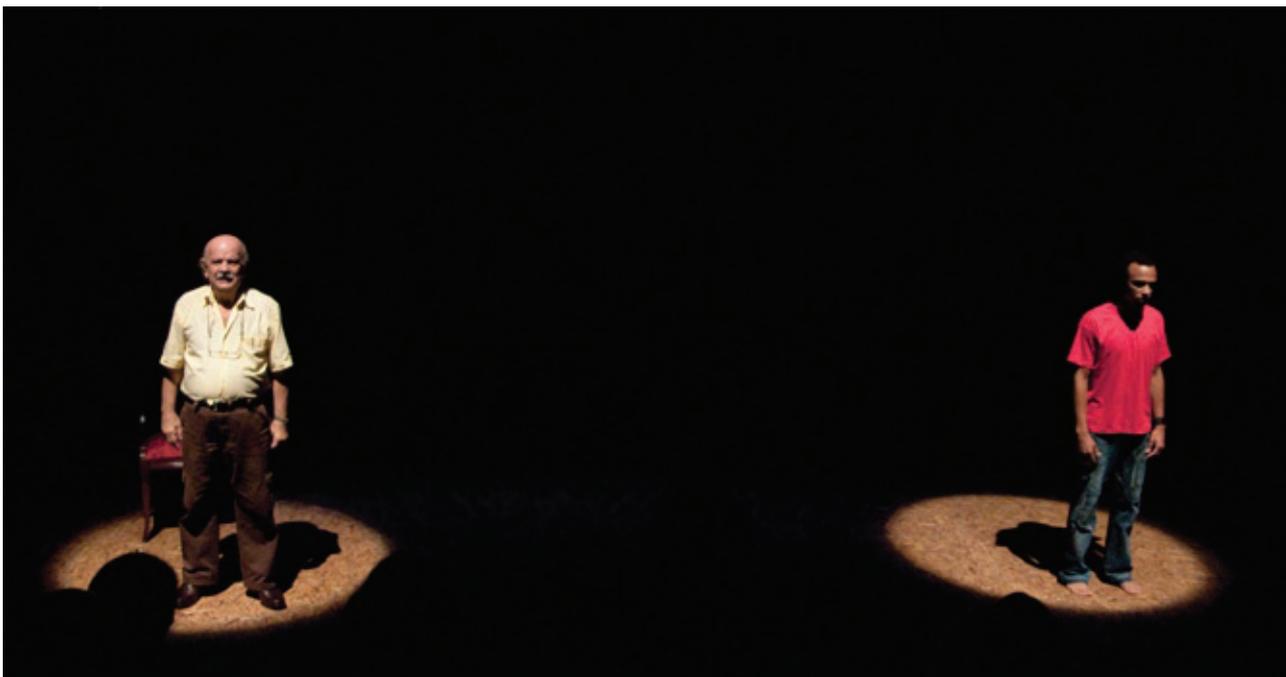


Foto: Aristides Alves

enganou. E pediu para você tomá outro rumo, porque essa não é casa de fura-greve!

LUIZ FERNANDO (TIÃO) – Eu vinha me despedir e dizer só uma coisa: não foi por covardia!

HD (OTÁVIO) – Seu pai me falou sobre isso... Ele também procura acreditar que num foi por covardia. Ele acha que você até que teve peito. Furou a greve e disse pra todo mundo. Não fez como Jesuíno que furou a greve sabendo que estava errado. Ele acha, o seu pai, que você é ainda mais “filho da mãe”! Que você é um traidô de seus companheiros e de sua classe, mas um traidô que pensa que está certo! Não um traidô por covardia, um traidor por convicção.

LUIZ FERNANDO (TIÃO) – Eu queria que o senhor desse um recado a meu pai...

HD (OTÁVIO) – Vá dizendo.

LUIZ FERNANDO (TIÃO) – Que o filho dele não é um “filho da mãe”. Que o filho dele gosta de sua gente, mas que o filho dele tinha um problema e quis resolvê esse problema de maneira mais segura. Que o filho dele é um homem que quer bem.

HD (OTÁVIO) – Seu pai vai ficar irritado com esse recado, mas eu digo. Seu pai acha que a culpa de pensá desse jeito não é sua só. Seu pai acha que tem culpa...

LUIZ FERNANDO (TIÃO) – A culpa é minha, pai!

HD (OTÁVIO) – (*Saindo do papel*) Eu não sou seu pai, entendeu? (*Pausa*) Luiz Fernando, você tem de fingir que eu não sou seu pai. O jogo é esse. Me ignorar, entendeu?

LUIZ FERNANDO (TIÃO) – (*Quase chorando*) Eu sei que o senhor não é meu pai, mas é difícil dizer que não...

HD (OTÁVIO) – (*Contagiando-se um pouco, mas segurando a emoção*) Vira esse rosto pra lá e vamos continuar.

LUIZ FERNANDO (TIÃO) – (*Retomando*) Diga a meu pai que ele não tem culpa nenhuma.

HD (OTÁVIO) – (*Perdendo o controle*) Se eu tivesse te educado mais firme, se te tivesse mostrado melhor o que é a vida, tu não pensaria em não ter confiança na tua gente...

LUIZ FERNANDO (TIÃO) – Meu pai não tem culpa. Ele fez o que devia. (...)

HD (OTÁVIO) – Seu pai acha que ele tem culpa!

LUIZ FERNANDO (TIÃO) – Tem culpa de nada, pai!

HD (OTÁVIO) – (*Num rompantê*) E deixa ele acreditá nisso, senão ele vai sofrê muito mais. Vai achar que o filho dele caiu na merda sozinho. Vai achar que o filho dele é safado de nascença. (*Acalma-se repentinamente*) Seu pai manda mais um recado. Diz que você não precisa aparecer mais. E deseja boa sorte pra você.

LUIZ FERNANDO (TIÃO) – Diga a ele que vai ser assim. Não foi por covardia e não me arrependo de nada. Até um dia. (*Encaminha-se para a porta*)...

HD (OTÁVIO) – (*Dirigindo-se ao quarto dos fundos*) Tua mãe, talvez, vai querê falá contigo... Até um dia!

OLGA – (*Aproximando-se de Luiz Fernando*) Ele gosta muito de você. E saiu pra não chorar na sua frente.

LUIZ FERNANDO – Dona Olga, eu nunca conheci meu pai!

(*ABRAÇAM-SE. ENTRA HD*)

HD – Olga! Vamos retomar a temporada de *Rasga coração*.

OLGA – (*Eufórica*) Deus é pai!

HD – (Para Luiz Fernando, entregando um texto) O papel de Luca é seu.

LUIZ FERNANDO DÁ UM GRITO, VAI ABRAÇÁ-LO E O APERTA.

HD – Menos, menos. Vá para casa estudar o texto.

LUIZ FERNANDO PEGA A CAPA DE CHUVA RASGADA, SAI E DEIXA A MOCHILA.

OLGA – Sua mochila.

QUANDO OLGA VAI PEGAR A MOCHILA, CAI UM MONTE DE CARTAS NO CHÃO.

OLGA – Mas o que é isso? (*Lendo*) Sra. Angelina Muniz, Rua das Laranjeiras, 23... Sr. Alvarenga de Albuquerque, Travessa da Paz, 35-A... Sedex-10... 7 de agosto... 5 de julho... São cartas do correio... que nunca foram entregues. (*Pausa*) Ele mentiu! Não houve assalto nenhum! Só para conseguir o papel de Luca. Meu Deus, como fui ingênuo!



Foto: Aristides Alves

OLGA, EM OUTRO PLANO, PARA O PÚBLICO.

OLGA – (*Para o público*) No dia seguinte, contei tudo a HD. Não podia compactuar com aquilo. O que ele não foi capaz de fazer pra conseguir o papel na peça! HD ficou furioso. Fechou-se no quarto e nunca mais saiu. Proibiu Luiz Fernando de botar os pés na porta de casa. Reuni todas aquelas cartas e empurrei de volta à mochila, com um bilhete, e mandei devolver àquele menino. O sonho acabou.

CENA 15 – A CARTA DE OLGA.

LUIZ FERNANDO ABRE UM ENVELOPE E LÊ A CARTA. OLGA EM VOZ OFF.

OLGA (*VOZ OFF*) – Luiz Fernando. Você era para nós o símbolo de uma geração de atores. Mas você traiu nossa confiança em troca de um papel. Não era preciso. De todo modo, não posso esquecer que no fundo no fundo você é um bom menino. Preciso acreditar nisso. Desacreditar é matar em mim a esperança. Mas, em nome de HD, peço-lhe, não nos procure mais. Seu ex-mestre adoeceu de vez. Foi uma punhalada nas costas. A missão está terminada! De sua ex-amiga, mas ainda incentivadora, Olga.

CENA 16 – BAÚ DE OSSOS.

CASA DE HD. OLGA E HD OUVEM UM RE-CADO DE LUIZ FERNANDO NA SECRETÁRIA ELETRÔNICA.

LUIZ FERNANDO – Dona Olga, a senhora está me ouvindo? Mestre, atenda, por favor! Liguei para dizer que eu errei. No dia do teste, recebi um chamado urgente dos Correios. Eles reclamavam de minhas faltas e de cartas que não chegavam aos destinatários. Era verdade. Eu queria ser engolido de vez pelo teatro, tão me ouvindo? E só via uma forma de resolver isso: não entregar carta alguma e ser demitido por justa causa. Peguei as correspondências amontoadas no quarto, coloquei na mochila e saí em direção aos Correios, tá entendendo? Cheguei lá nervoso, eles não paravam de me interrogar, eu só pensava no teste... Aí eles me deram uma suspensão e uma chance de ficar no trabalho. Mas eu tinha de entregar todas as correspondências atrasadas. Nem tive tempo de responder. Saí correndo com a mochila das cartas, mas vi que não chegaria na hora do teste. Aí inventei a desculpa do assalto. Mas, olha, o assalto realmente aconteceu comigo... só que

há dois anos atrás. A capa rasgada, a mochila suja, foi tudo... armação. Mas agora estou com raiva de mim e com vergonha de olhar pra vocês. Perdão, dona Olga, traí sua confiança. Prometo, mestre, não vou importuná-lo mais. E nunca esquecerei o que fez por mim. Continuo a amá-lo e admirá-lo como o maior ator e diretor do Brasil! Obrigado por tudo. Do seu eterno discípulo, Luiz Fernando!

HD – (*Desligando a secretária eletrônica*) Mais mentira, Olga. Pra comover corações fracos como o seu.

OLGA – E se for verdade? Veja. Ele não pede nada. Só agradece e se desculpa. Ninguém é perfeito.

HD – (*Olha para Olga, censurando-a*) O teatro sempre foi uma escola para jovens, pessoas semicultivadas e as mulheres, que ainda possuem o dom de se enganarem na medida em que são permeáveis à ilusão. Strindberg!

OLGA – Não estou pensando no menino. Tou pensando em você.

HD – Olga, não sou jovem, nem semicultivado, nem mulher de coração fraco.

OLGA – (*Pega umas contas vencidas*) Olha aqui, gás, luz, água, telefone, condomínio, três meses atrasados...

HD – Bens materiais não confortam o espírito!

OLGA – E vai viver de quê? Dos raios da luz solar?

HD – Vou dar aula de inglês. (*Imita um professor de inglês*)

OLGA – Pra que isso? Olha, tenho uma boa notícia. O produtor quer voltar com o espetáculo. Conseguiram um patrocínio. Coisa rara hoje em dia. A peça caiu na lista do vestibular. Vamos apresentar nos subúrbios, faculdades, escolas...

HD – Eu? Com 70 anos fazer peça em escola?

OLGA – Quando começou, você se apresentava até no Largo da Mariquita. Veja, Lorde Bundinha já saiu da clínica... Eu aqui estou para fazer Nena. O elenco está completo. Só falta você... e Luca. Se você perdoasse Luiz Fernando...

HD – (*Irritado*) Me deixe em paz, Olga! Você... no fundo, no fundo... é igual a Luiz Fernando!

OLGA – (*Pausa*) Você vai ficar aí apodrecendo neste quarto vazio. Mas, eu, Olga, a atriz das antigas, não! Ainda tenho viço na alma e fome do palco. Coisas que você perdeu e não vai tirar de mim. (*Como um desabafô*) Eu preciso trabalhar! Eu quero atuar! (*Pausa*) Amanhã largo sua casa e vou cuidar de minha vida. (*Sai e joga as contas em cima de HD.*)

HD OFF – Meu Deus, há mil megatons em meu cérebro. Uma argamassa. Ódio e amor se avizinham e não os reconheço mais. As palavras... até elas... escapam de mim como punhais e cravam o peito daqueles a quem amo... (*Batidas de coração ora aceleradas, ora lentas*) Olga, Olga... (*Continuam as batidas do coração*) Meu Deus... não reconheço as batidas do meu coração... há quanto tempo não as ouço... muito, muitíssimo, Olga... (*REVERSAÇÃO DE LUZ*)

OLGA ENTRA COM UMA MALETA DE ROUPAS NA MÃO.

HD – (*Abraçando*) Você não merece, Olga, não merece... (*Abraça-a. Olga meio impassível.*) Perdoe este velho amigo de coração seco.

A MALETA CAI DA MÃO DE OLGA E ELA SE DEIXA ABRACAR.

HD – Olga, quero lhe pedir um grande favor. Manda chamar aquele menino. Foto: Aristides Alves

OLGA – (*Surpresa*) Menino? Quem?

HD – (*Quase inaudível, envergonhado, entrega uma carta a Olga*) O fedelho! Luiz Fernando.

OLGA – Não acredito. Deus é pai! Eu não disse? A esperança ainda ruge em seu coração! (*Beija HD no rosto. HD sai.*)

OLGA – Saí correndo e dei a notícia a Luiz Fernando. O menino ficou numa felicidade que dava dó. Pulou de alegria. Me apertava, me rodava, me suspendia, me larga, rapaz, não tenho idade pra isso, ele chorava, eu

também chorava, a senhora é uma santa, estava feliz, eu também estava, os três juntos, unidos pelo perdão. O ser humano ainda é algo possível.

CENA 17 – PREPARANDO O CORAÇÃO.

HD E LUIZ FERNANDO.

LUIZ FERNANDO – Poxa, o senhor não sabe como estou feliz!

HD – Só o chamei de volta por causa de Olga. Você falhou comigo!

LUIZ FERNANDO – É verdade. Menti. Mas o assalto realmente aconteceu. Não naquele dia. Puxei a memória emotiva pra comover o senhor. Sei que o ator mente, aí...



HD – O ator é o único que não mente! Ele é honesto. Quando está representando, não deixa dúvidas de que está representando. E o público sabe da verdade do ator. Por isso aplaude. Mas mentir na vida é falha de caráter! E o pior: usou as armas do teatro contra o próprio teatro.

LUIZ FERNANDO – Foi mal. Foi mal.

HD – Olha aqui. Eu aceitei você de volta com três condições, lembra? Primeira: nunca faltar aos ensaios; segunda: voltar imediatamente ao trabalho e terceira: entregar todas as correspondências aos legítimos destinatários. Você imaginou o quanto roubou da vida destas pessoas, interceptando aquelas cartas?



LUIZ FERNANDO – Eu prometo! E quem fala aqui é Luiz Fernando, o ator! O único que não mente!

HD – Muito bem. Vamos começar.

LUIZ FERNANDO – Li doze vezes a peça e já entendi tudo.

HD – Não é pra entender. É pra fazer.

LUIZ FERNANDO – Sim, senhor.

HD – Estamos bem entendidos?

LUIZ FERNANDO – Sim, senhor!

COMEÇAM A ENSAIAR.

HD – Então, estamos diante de uma obra-prima do teatro brasileiro. E vamos agora ensaiar a belíssima cena final de despedida.

LUIZ FERNANDO – É, a peça é linda, mas posso dizer uma coisa?

HD OLHA PARA ELE, CONTRARIADO, ESPERANDO QUE FALE.

LUIZ FERNANDO – Falta um final mais assim...
(*Faz gesto de revolta*)

HD – ... revolucionário!?

LUIZ FERNANDO – Eu não falo mais essa palavra diante do senhor! É barril!

HD – Barril! Ora, uma peça que marcou uma geração, que re-vo-lu-cio-nou o teatro brasileiro na década de 70, com personagens complexas, planos simultâneos, explosão do tempo e espaço. Nunca no Brasil houve nada igual!...

LUIZ FERNANDO – (*Sentado*) *Vestido de noiva.*

HD – (*Para o público*) – Pausa perversa.

LUIZ FERNANDO – (*Continuando*) Nelson Rodrigues.

HD – (*Para o público*) Segunda pausa perversa.

LUIZ FERNANDO – (*Continuando*) Mil e novecentos e quarenta e três.

HD – (*Para o público*) Resposta do alto clero. (*Para Luiz Fernando*) Professor Doutor Luiz Fernando, me responda: quem é o diretor aqui?

LUIZ FERNANDO APONTA PARA A CABEÇA
HD.

HD – Muito bem. Vamos para a cena final. Manguari não entende mais o seu filho, que por sua vez não compreende o pai. É uma cena densa, forte, poética. Luca vai ser expulso de casa.

LUIZ FERNANDO – (*Num rompante*) De novo? Fui expulso desta casa duas vezes, meu pai me manda embora em *Blequetai...*

HD – Quer não? Tem gente assim pra fazer Luca. Olha só! (*Para a platéia*) Quem quer fazer Luca?

LUIZ FERNANDO – Não, não. Acredite em mim! Mas se o senhor permitir... uma pequena observação...

HD APONTA A CABEÇA INDICANDO QUEM É O DIRETOR.

LUIZ FERNANDO – Eu sei, o diretor é o senhor. Mas me dê a chance de dizer uma última coisa.

HD – Quinze segundos!

LUIZ FERNANDO – A peça de Vianinha é linda! Mas será que precisa aquele cenário todo, andaimes, o apartamento, os móveis, etc., etc. Veja como seria bonito: palco nu, os atores, um foco de luz e uma cadeira. (*Aponta a cadeira elisabetana*) Aquela ali.

HD – A minha cadeira elisabetana!

LUIZ FERNANDO – É. Como no tempo de Shakespeare. Confiar na imaginação do espectador. Olha só: Os dois em cena, frente a frente com o público... quer dizer, o senhor na frente e eu três passos atrás... e Olga, sentada, aqui. (*Mostra e aproxima-se da cadeira elisabetana*). Os três, como uma família, não é bonito?

HD – Trocar o cenário de Vianinha por uma cadeira elisabetana. Ah, a juventude!

LUIZ FERNANDO – Mas o senhor me ensinou que no tempo de Shakespeare não tinha cenário!

HD – E também não tinha foco de luz recortando cadeiras! A não ser que você contratasse o sol do meio-dia para ser o seu *light designer*.

LUIZ FERNANDO – Desculpe, não falo mais nada! (*Vai saindo*) Juro. Pela alma de Shakespeare!

HD – (*Só*) Palco nu, um foco de luz e uma cadeira elisabetana em plena década de 70 no Brasil. Era o que me faltava!

CENA 18 – A REESTRÉIA DO CORAÇÃO.

FOCO DE LUZ SOBRE A CADEIRA ELISABETANA. ÚNICO CENÁRIO DA PEÇA RASGA CORAÇÃO. TOCA O SEGUNDO SINAL.

ÁUDIO – Senhoras e senhores, boa noite. A Companhia de Teatro Vianinha volta a apresentar *Rasga coração*. Pedimos a todos que desliguem seus celulares e avisamos que é proibido tirar fotos sem autorização da produção do espetáculo.

TOCA O TERCEIRO SINAL. NO PALCO, MANGUARI, LUCA E NENA ENCENAM TRECHOS DE RASGA CORAÇÃO, DE VIANINHA.

HD (MANGUARI) – Não posso mais, não posso mais viver com uma pessoa que me olha como se eu estivesse morto! Como se todas as pessoas que estão aí fora gemendo no mundo fossem a mesma coisa! Como se não houvesse dois lados! E eu sempre estive ao lado dos que têm sede de justiça, menino! Eu sou um revolucionário, entendeu? Só porque uso terno e gravata e ando no ônibus 415 não posso ser revolucionário? Sou um homem comum, isso é outra coisa, mas até hoje ferve meu sangue quando vejo do ônibus as crianças na favela, no meio do lixo, como porcos, até hoje choro, choro quando vejo cinco operários sentados na calçada, comendo marmitas frias, choro quando vejo vigia de obras aos domingos, sentado, rádio de pilha no ouvido, a imensa solidão dessa gente, a imensa injustiça. Revolução sou eu! Revolução pra mim já foi uma coisa pirotécnica, agora é todo dia, lá no mundo, ardendo, usando as palavras, os gestos, os costumes, a esperança desse mundo. Você não é um revolucionário, menino... você é um covarde que quer fazer do medo de viver um espetáculo de coragem!

LUIZ FERNANDO (LUCA) – Você é que pensa que é revolucionário, é a doce imagem que você faz de você, pai, mas você é um funcionário público, você trabalha para o governo! Para o governo! Anda de ônibus 415 com dinheiro trocado para não brigar com o cobrador que de noite fica na janela, vendo uma senhora de peruca tirar a roupa e ficar nua!

MANGUARI DÁ UM TAPA NA CARA DE LUCA, AVANÇA PARA ELE, NENA SE INTERPÕE, FICAM EMBOLADOS.

OLGA (NENA) – Custódio, meu Deus do Céu, Custó, pelo amor de Deus...

MANGUARI – (*Para Luca*) Você faz como quiser, faz como decidir, tem todo o meu respeito, mas agora é fora de minha casa, menino, entendeu? Aqui você não fica mais...

LUCA – ... Puxa, pai, que é isso?

MANGUARI – É isso, é isso, é isso...

LUCA – Não tenho para onde ir, pai, vou pra onde?

NENA – Por favor... Custó!...

MANGUARI – Cala a boca, Nena, não sei como você vai viver, não é em comunidade que vocês vivem, então?

LUCA SAI.

NENA – Custódio, por favor...

MANGUARI – Por favor, Nena. É assunto encerrado!

NENA – Estou com falta de ar, Custó, por favor, como é que vou ficar todos os dias nesse apartamento sem o Luís Carlos, a roupas dele, a comida, os remédios, Custó, por favor...

MANGUARI – Você encontra ele quando quiser, Nena, mas aqui ele... (*Luca aparece. Mochila nas costas. Silêncio. Longo tempo de silêncio*)

LUCA – Bom... estou de saída... (*Silêncio. Vai até Nena*) Até logo, mãe... (*Nena se abraça nele. Chora contida. Luca meio chora*) ... a gente se vê, está bem?



NENA – ... Está bem, filho, está bem...

LUCA – *(Silêncio)* ... tchau, pai... *(Manguari em silêncio faz o relatório)*... pai... estou saindo sem rancor... de coração leve... sem rancor, pai...

MANGUARI – *(Tempo)* ... Sem rancor, Luca... sem rancor...

LUCA – ... Posso lhe dar um beijo? *(Manguari quieto. Luca vai até ele lento. Beija a face de Manguari. Tempo)* Tchau.

MANGUARI – Até logo, Luís Carlos...

LUCA – Até logo, pai...

MANGUARI – Sem rancor, Luiz Fernando...

LUCA – Obrigado, Mestre.

UM TEMPO. LUCA SAI, NENA. MANGUARI COMEÇA A CANTAR, SEGUIDO DE NENA, DE FORMA ALEGRE UM TRECHO DA MÚSICA “RASGA CORAÇÃO” DE ANACLETO DE MEDEIROS E CATULO DA PAIXÃO CEARENSE.

MANGUARI – *(Começa a cantar baixinho, seguido de Nena)*

Se queres ver a imensidão do céu e mar
Refletindo a prismação da luz solar
Rasga o coração, vem te debruçar
Sobre a imensidão do meu penar

(Voltam a repetir, sempre baixo. Nena continua cantando baixinho, sem a letra. HD vai até à frente do palco)

EPÍLOGO

HD – Deus e o Diabo disputam a alma do ator. Quando um deles ganha, ou nos salvamos ou nos perdemos. Mas quando Deus e o Diabo continuam lutando dentro de nós, a alma do artista agradece. É o chamado do teatro. E, neste mergulho tão belo e tão terrível, morremos e nascemos a cada dia. Ganhamos e perdemos aqueles a quem encontramos no caminho. Luiz Fernando fez sua última sessão e ganhou asas. Voou em direção ao teatro de seus sonhos... um teatro revolucionário! Ele vai conseguir. O teatro clama por este sopro no coração. Amanhã um novo Luca pisará neste palco. E o espetáculo vai continuar. Agradeço a todos a gentileza de saírem de suas casas para ver e ouvir um velho ator perdido em suas inquietações, memórias e fantasias. Sei. Há coisas melhores a fazer lá fora: jantar com amigos, uma boa partida de futebol, um livro de Dostoiévski, dormir juntos no sofá vendo “tela quente”... Qualquer coisa que não os obrigue a ficar aqui, sentados, compartilhando esta experiência viva que ainda insistimos em chamar teatro. Talvez vocês não tenham assistido a um espetáculo de teatro, como mereciam. E saiam daqui melhores ou piores, não sei. Tenham certeza: a culpa não é de vocês. Não demos o melhor de cada um de nós. Amanhã, quem sabe, se retornarem, poderemos oferecer-lhes algo... mais útil à vida de vocês. Em nome de Dioniso, o Deus do teatro, eu prometo! Boa noite!

Fim

Salvador, 31 de agosto de 2009



Foto: Aristides Alves